

TESSITURAS SOBRE RAÇA E RACISMO EM SALA DE AULA: um diálogo necessário

Joelma de Oliveira Ferreira¹

RESUMO

O presente artigo apresenta uma reflexão sobre o racismo em sala de aula, e intenciona apresentar uma proposta de oficina, que poderá ser trabalhada em aulas remotas ou presenciais e que propicie aos professores e alunos uma melhor compreensão da linguagem através da produção de sentidos. O trabalho justifica-se pela necessidade de uma abordagem mais efetiva sobre algumas temáticas sociais em sala de aula, a exemplo do preconceito racial, e de mostrar, em meio ao avanço tecnológico, as inúmeras possibilidades digitais que podem ser utilizadas nas aulas como meios didáticos. As análises desenvolvidas aqui são parte de uma oficina apresentada no Programa de Pós Graduação em Linguística e Ensino, no componente curricular Linguagens, práticas sociais e ensino. A realização da atividade teve por objetivo mostrar a necessidade e importância de pautas socioculturais em âmbitos educacionais. Para isso, a oficina foi construída visando um atravessamento metodológico com recursos didáticos para ser trabalhada de forma presencial ou remota, mostrando que é possível transcender a aprendizagem, utilizando várias ferramentas tecnológicas como forma de recursos pedagógicos. Assim, este trabalho busca trazer à tona fomentos para a discussão sobre raça e racismo tendo em vista a importância do tema e o espaço que ele tem ocupado no campo escolar, como também mostrar possibilidades de uso da tecnologia como instrumento didático, passando por nuances do ensino híbrido que podem fomentar uma maior reflexão sobre essa temática.

Palavras-chave: Racismo, Práticas pedagógicas, Ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

As abordagens sobre preconceito racial tem sido, cada vez mais, pauta de discussões no cenário educacional contemporâneo, requisitando dos educadores(as) e gestores um olhar mais crítico acerca desse tema. Essas discussões vêm provocando um sentimento de preocupação entre teóricos que se ocupam desse estudo, sobretudo pelos rumos que o mesmo tem tomado no contexto escolar.

O presente artigo intenciona apresentar uma proposta de oficina, que poderá ser trabalhada em aulas remotas ou presenciais e que propicie aos professores e alunos uma melhor compreensão da linguagem através da produção de sentidos.

¹ Mestranda do Programa Linguística e Ensino da Universidade Federal da Paraíba –UFPB, joelmaferreira678@gmail.com

O trabalho justifica-se pela necessidade de uma abordagem mais efetiva sobre algumas temáticas sociais em sala de aula, a exemplo do preconceito racial, e de mostrar, em meio ao avanço tecnológico, as inúmeras possibilidades digitais que podem ser utilizadas nas aulas como meios didáticos, pois, segundo Moran (2007), as tecnologias são pontes que abrem a sala de aula para o mundo, que representam, medeiam o nosso conhecimento do mundo.

O trabalho que se apresenta é prioritariamente descritivo, visto que se trata de uma vivência docente. Será apresentado os resultados de uma oficina regida numa sala de aula por meio remoto, através da utilização dos aplicativos digitais Youtube, Mentimeter e Padlet.

Contudo, nenhum trabalho docente é isento de pesquisa, por isso, a descrição dos encaminhamentos metodológicos utilizados na oficina será intermediado por uma breve discussão teórica sobre racismo, gêneros textuais e ensino híbrido.

Por isso, esta proposta de oficina foi pensada a partir de diferentes enfoques que tratam sobre raça e racismo e podem ser inseridas para um trabalho cotidiano em sala de aula. A sugestão é para a disciplina de Língua Portuguesa e aqui nos deteremos aos aspectos linguísticos, mas nada inibe que ela seja desenvolvida por outras disciplinas e/ou propostas interdisciplinares.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para embasar este trabalho, faz-se necessário discorrer um pouco sobre a temática racismo, gêneros textuais e ensino híbrido.

A sociedade vem passando por um período delicado no cenário da saúde, vivenciando um momento de Pandemia mundial que tem atingido vários âmbitos, inclusive o educacional. Em razão desse panorama, as instituições de ensino buscaram alternativas e meios para ressignificar pautas educacionais mediante aspectos metodológicos, incluindo e aderindo às práticas pedagógicas o Ensino Remoto.

Sob essa perspectiva e fundamentada na ideia de que “a escola precisa exercitar as novas linguagens que sensibilizam e motivam os alunos (MORAN,2007)”, pensou-se também na possibilidade da inserção de um modelo de Ensino Híbrido, ou seja, um modelo em que o ensino fosse ofertado tanto de modo presencial, quanto remoto. São

possibilidades que podem refletir nas ações pedagógicas dos indivíduos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, Neta e Capuchinho (2017) afirma que

Avanços tecnológicos, mudanças no perfil dos estudantes e busca por novas possibilidades de ensino direcionam a novos métodos de instrução. Desse modo, o ensino híbrido torna-se uma grande tendência por respeitar as necessidades dos alunos e oportunizar formatos personalizados de ensino ou, “ensino sob medida” a fim de atender às necessidades individuais dos alunos.

Segundo Neta e Capuchinho (2017), O termo ensino híbrido ainda é relativamente novo e pouco utilizado em virtude da carência de discussão pelos renomados autores da pedagogia brasileira.

Dentro desta perspectiva do ensino virtual, pensou-se em trabalhar a temática do racismo através de gêneros como as HQs (Histórias em Quadrinhos) e Músicas. Dessa maneira, vale lembrar a importância dos gêneros textuais para a aquisição da linguagem.

Segundo Marcuschi (2002), “gênero textual refere-se a textos materializados em situações comunicativas recorrentes. São textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sócio comunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas”.

Dessa forma, percebe-se que os gêneros textuais se solidificam a partir da linguagem verbalizada, pois “toda comunicação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero” (MARCUSCHI, 2002). E é através de elementos extraídos do cotidiano do indivíduo que ocorre a concretização dos gêneros textuais sob a forma de práticas socioculturais da sociedade civil.

Os gêneros tem sido de grande importância para o processo de ensino e aprendizagem, uma vez que, “numa sala de aula, o trabalho de um professor frequentemente serve para definir gênero e atividades, e, fazendo isso, criar oportunidades e expectativas de aprendizagem (BAZERMAN, 2005, p. 23). Isso é perceptível, por exemplo, quando da utilização da música como instrumento de aprendizagem, considerando ser ela um gênero textual.

A inclusão de debates que trabalhem diferentes abordagens sobre raça e preconceito não é mera vontade de instituições de ensino. Esses são obrigatórios na grande curricular pela Lei nº 10.639, que em 2003, tornou a temática afro-brasileira

obrigatória nos currículos do ensino fundamental e médio. A temática é tema transversal e precisa perpassar todos os componentes curriculares (Ministério da Educação, 2007).

Apesar da obrigatoriedade, as discussões sobre racismo, preconceito racial, consciência de classe, dentre outros, ainda se restringem a datas específicas como o dia da consciência negra, comemorado dia 20 de novembro.

O tema do racismo ainda é um assunto delicado para se trabalhar em sala de aula, pois, por décadas, os livros didáticos de histórias têm trazido a história dos negros numa versão a partir do olhar do branco.

Nesse sentido, Souza (2020) assevera que,

a reprodução social do racismo pode ser vista em filmes, nos livros didáticos escolares, nos discursos feitos por pessoas que ocupam cargos importantes na sociedade. Ampliando tais discursos e atos; no recinto familiar as crianças acabam por reproduzir tudo que presenciam nos diversos ambientes que frequentam, inclusive no ambiente escolar, quando adultas levam isto para a vida pessoal e profissional, sem reconhecer o quanto de racismo carregam.

A fala da autora nos alerta para a necessidade de refletir sobre o racismo em sala de aula, levando o aluno a desconstruir discursos preconceituosos, elucidando sobre as práticas racistas vivenciadas no âmbito escolar ou fora dele.

Não se trata apenas de falar sobre o racismo, mas de como esse assunto é pautado nos currículos escolares e como os sujeitos envolvidos no processo de ensino o aborda.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A oficina foi pensada na perspectiva de ser executada tanto em aulas presenciais, quanto em aulas remotas, pensando-se, assim, na proposta de um modelo de ensino híbrido em que as instituições de ensino e os profissionais da educação poderão incluir em suas práticas pedagógicas, dependendo do contexto em que estiverem inseridos, novos modelos de ensino híbrido, como por exemplo o modelo de rotação por estações, laboratório rotacional ou a sala de aula invertida. Entretanto, antes de escolher esses modelos é preciso conhecê-los, adequando-os à realidade dos alunos, pois

a sala de aula se amplia, dilui, mistura com muitas outras salas e espaços físicos, digitais e virtuais, tornando possível que o mundo seja uma sala de aula, que qualquer lugar seja um lugar de ensinar e de aprender, que em qualquer tempo possamos aprender e ensinar, que todos possam ser aprendizes e mestres, simultaneamente,

dependendo da situação, que cada um possa desenvolver seu ambiente pessoal de aprendizagem. (MORAN E BACICH, 2015)

As propostas de ensino e aprendizagem devem sempre prezar pelo lugar de fala dos sujeitos, ou seja, buscar entender o contexto em que o aluno está inserido. Em virtude disso, a oficina tem por objetivo discorrer sobre temáticas que despertem nos sujeitos uma visão mais crítica acerca da realidade em que vivem.

A proposta de trabalho foi pensada para os alunos dos anos finais do ensino fundamental, especificamente para turmas do 9º ano. O tempo estimado foi distribuído para três aulas, nas quais serão abordados temas como: Racismo e preconceitos, através dos gêneros textuais Música e HQs²..

A escolha desses gêneros surgiu a partir da ideia de que algumas músicas trazem em seu bojo questões que refletem o preconceito racial ou trazem contextos de pertencimento e enaltecimento de etnias africanas. Quanto ao gênero HQs, este surgiu da ideia de se analisar textos que trouxessem uma linguagem verbal e não-verbal, para melhor compreensão e aquisição da aprendizagem por parte dos interlocutores.

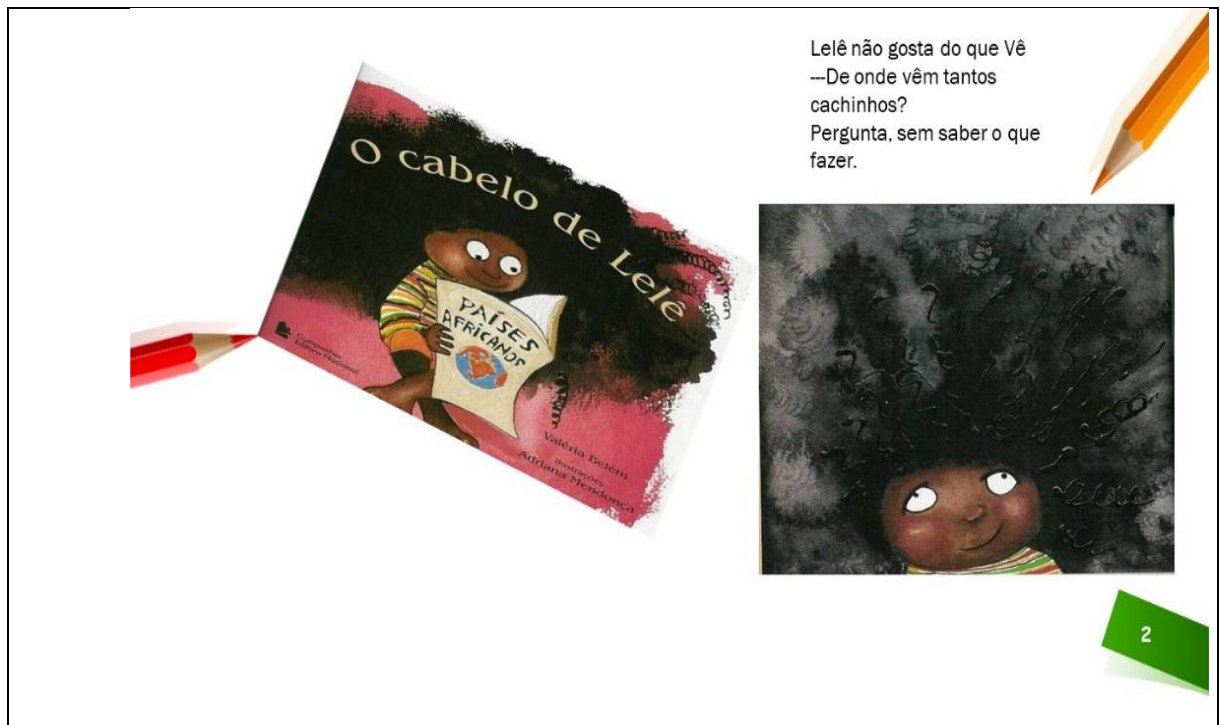
O roteiro da oficina, descrito a seguir, foi desenvolvido numa sala de aula virtual, com alunos de nível superior. Entretanto, tem a proposta de ser aplicada em aulas remotas ou presenciais com alunos do nono ano do ensino fundamental.

Iniciamos com uma Leitura deleite, intitulada “Os cabelos de Lelê”, da autoria de Valéria Belém. O texto trata sobre a diversidade, conta a história de uma criança que não entendia o porquê de seu cabelo ser tão cacheado e diferente dos demais; e traz uma lição para o fato de iniciarmos, desde cedo, um diálogo com o público infanto-juvenil sobre temáticas que abordam a aceitação da identidade, diversidade de gêneros, culturas e etnias e que já permitem abordagem para questões como bullying³ escolar por características raciais.

² História em quadrinhos; história escrita em quadros pequenos, ou unidades gráficas com texto e imagem, dispostos lado a lado, em tiras horizontais ou verticais; quadrinho, quadrinhos, BD, gibi, revistinha.

³ De modo geral, conceitua-se bullying como abuso de poder físico ou psicológico entre pares, envolvendo dominação, prepotência, por um lado, e submissão, humilhação, conformismo e sentimento de impotência, raiva e medo, por outro. As ações abrangem formas diversas, como colocar apelidos, humilhar, discriminar, bater, roubar, aterrorizar, excluir, divulgar comentários maldosos, excluir socialmente, dentre outras (RISTUM, Marilena, 2010)

Figura 1. Trecho do texto o cabelo de Lelê, adaptado ao Power point.



Fonte: Arquivo da autora.

Após a leitura deleite, foi apresentada três músicas “Pérola Negra”, “Dona de Mim” e “Eu mereço ser feliz”, audiovisuais, através da ferramenta youtube.

A primeira canção enaltece culturas e etnias negras; a segunda fala sobre a força e empoderamento feminino, através da voz de uma mulher negra; e a terceira, com estilo musical (o samba) oriundo de raízes africanas, trata sobre a importância de viver a vida com leveza e ser feliz. O intuito era iniciar a temática com a dinâmica “Qual é a música”, em que os interlocutores teriam que adivinhar o nome ou letra da música e falar sobre o que a canção relatava.

Depois de uma breve socialização, foi utilizado outra ferramenta, o Mentimeter, um aplicativo em que se desenvolve palavras formando uma nuvem. Na ocasião foi perguntado à turma que palavras ou expressões preconceituosas eles já teriam ouvido ou pronunciado.

Novamente, após a formação da Nuvem de palavras, iniciou-se o debate sobre a temática em questão. Essas discussões são de suma importância, pois “a linguagem pode ser considerada com uma expressão do pensamento, um instrumento de comunicação e uma forma de interação” (GERALDI,1984).

Figura 2- Nuvem de palavras



Fonte: Arquivo da autora.

As discussões culminaram numa proposta de trabalhos em grupos, que foram elaborados e discutidos posteriormente. Antes, fez-se necessário discorrer um pouco sobre a pauta do racismo, preconceito e sobre os gêneros textuais que seriam explorados.

A turma foi dividida em três grupos, mas esse é um critério relativo, pois a divisão da sala vai depender da quantidade de alunos e de como cada professor irá desenvolver sua atividade. Cada grupo foi monitorado por um mediador, em salas virtuais criadas através do Google Meet.

Nessas salas, os mediadores utilizaram o texto “*Jeremias - Pele*”, uma história em quadrinho que retrata a vida de um garoto negro, de classe média, que passa por uma situação de racismo na escola. O texto serviu para embasar e suscitar as discussões sobre a temática. Depois de alguns minutos de debates, houve a socialização que culminou numa produção textual.

A partir das discussões, foi designado aos grupos que produzissem um cartaz, vídeo, áudio ou texto imagético, tecendo comentários, por meio do Padlet, um aplicativo utilizado em aulas virtuais.

Figura 3 – Produção do Padlet



Fonte: Arquivo da autora.

A utilização destas construções metodológicas intenciona traçar um percurso reflexivo, abordando temáticas diversificadas e mostrar que há inúmeras possibilidades de utilizar ferramentas tecnológicas e transformá-las em pedagógicas, que podem ser tratadas em diversos contextos cotidianos em sala de aula, efetivando e diversificando o processo de ensino e aprendizagem

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das diversificadas fundamentações e reflexões acerca da temática em questão, examinamos a importância de trabalhar a pauta do racismo em sala de aula através do ensino remoto, suscitando a necessidade da inserção de um modelo de ensino híbrido em tempos de pós-pandemia mundial.

A pesquisa foi motivada a partir da necessidade buscar e criar ferramentas didáticas que possam auxiliar o professor numa aula de ensino remoto, mas que podem ser utilizadas presencial e adaptadas ao ensino híbrido

Foram traçadas algumas considerações sobre racismo, gêneros textuais e ensino híbrido, tendo em vista que estes nortearam o aporte teórico da pesquisa. Assim, inspirada

nessas questões, a pesquisa teve por objetivo mostrar a necessidade e importância de pautas étnicas e socioculturais em âmbitos educacionais.

Por fim, acreditamos que esse trabalho sirva como embasamento para compreensão e reflexão do tema e o espaço que ele precisa ocupar no campo escolar, visto que perpassa a formação social dos indivíduos em formação escolar

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lucy Hellen Coutinho; CARVALHO, Élvio de; PASINI, Carlos Giovanni Delevati. **A educação híbrida em tempos de pandemia: algumas considerações.** UFSM, 2020. Disponível em <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/820/2020/06/Textos-para-Discussao-09-Educacao-Hibrida-em-Tempos-de-Pandemia.pdf>. Acesso em 22/01/2021.

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação.** Trad. e org. Angela P. Dionisio e Judith C. Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2005.

CALÇA, Rafael; COSTA, Jefferson. **Jeremias Pele.** São Paulo: Panini, 2018.

CAPUCHINHO, Adriana Carvalho; NETA, Mariana da Silva. **Educação Híbrida: Conceitos, Reflexões e Possibilidades do Ensino Personalizado.** II Congresso sobre Tecnologias na Educação – Ctrl+e, UFPB, 2017. Disponível em: http://ceur-ws.org/Vol-1877/CtrlE2017_AC_13_62.pdf. Acesso em 22/01/2021

GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula: leitura e produção.** 2. ed. Cascavel: ASSOESTE, 1984.

MACHADO, Maria Clara. Lei obriga ensino de história e cultura afro. Disponível em: [Lei obriga ensino de história e cultura afro - MEC](#). Acessado aos 22 de janeiro de 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade.** IN: A. P. Dionísio, A. R. Machado, M. A. Bezerra (Org.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19 – 36.

MORAN, Jose Manoel. **Desafios na Comunicação Pessoal.** 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166.

MORAN, José Manuel. BACICH, Lilian. **Aprender e ensinar com foco na educação II** Congresso sobre Tecnologias na Educação (Ctrl+E 2017) Universidade Federal da Paraíba - Campus IV Mamanguape - Paraíba – Brasil 18, 19 e 20 de maio de 2017 156 híbrida. Disponível em <http://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2015/07/hibrida.pdf>. Acesso em 22/01/2021.

RISTUM, M. Bullying escolar. In: ASSIS, SG., CONSTANTINO, P., and AVANCI, JQ., orgs. **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores** [online]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010, pp. 95-119. ISBN 978-85-7541-330-2. Available from SciELO Books. Disponível em: [assis-9788575413302-06.pdf \(scielo.org\)](https://scielo.org/assis-9788575413302-06.pdf). Acesso em 22 de janeiro de 2021.

SOUZA, Kalinda Félix. **Um lápis, uma cor, uma frase: como superar práticas veladas de racismo no ambiente escolar**. RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 365 Ano 4, Vol. IV, Número 2, Jul-Dez, 2020, p. 365-382. Disponível em <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/rech/article/view/7973>